

| Publicação | Data | Assunto |
|------------|------------|-----------------|
| Público | 25-11-2021 | Vozes Sem Conta |

Público • Quinta-feira, 25 de Novembro de 2021 • 29

Cultura

Para combater o estigma, a Marionet criou uma peça sobre pessoas que ouvem vozes

Camilo Soldado

***Vozes Sem Conta*, um trabalho sobre saúde mental, sobe hoje ao palco do Teatro da Cerca de São Bernardo, em Coimbra**

Não há apenas uma forma de o descrever. Um largo espectro compõe a experiência de ouvir vozes, e os actores de *Vozes Sem Conta*, que hoje se estreia no Teatro da Cerca de São Bernardo, em Coimbra, e ali fica até domingo, procuram reproduzir essa diversidade.

Com encenação de Mário Montenegro, a peça resulta de um projecto da companhia Marionet, habituada a cruzar teatro e ciência, em parceria com o Movimento Ouvir Vozes Portugal (MOV), o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES) e a *Rádio Aurora*, programa do Hospital Júlio de Matos realizado por pessoas com historial psiquiátrico.

Na base deste trabalho está uma recolha de entrevistas com pessoas que ouvem vozes, a partir da qual os quatro autores do texto foram escre-

to com o seu testemunho, mas também falou com os actores para esclarecer dúvidas: “sobre o que se sente, o que se pensa, o que acontece quando se ouve vozes”. “É-lhes muito difícil colocarem-se no papel de uma pessoa que está a fazer a sua vida normal e, de repente, ouve vozes”.

R., que prefere que o seu nome não seja referido por causa do estigma associado à experiência, ouve vozes desde 2007. “Já passei por várias fases e sinto que tenho mais capacidade de estar em controlo, de gerir a situação, mas demorei muito tempo para conseguir chegar aqui”, conta. Explica que as vozes não o acompanham sempre, tem episódios. No ano passado, registou um deles no seu diário, que depois disponibilizou aos actores. Entende que é muito importante dar visibilidade a esta experiência e combater o estigma, para que quem passa por ela possa encontrar apoio e compreensão, “para que as pessoas possam falar e partilhar estratégias”.

“É preciso humanizar esta experiência, não haver esta ideia que aparece nos filmes, associada apenas

a pessoas que estão num manicómio”. Na peça, “é como se as vozes fossem estrelas de teatro”.

Psicólogo clínico no Hospital Júlio de Matos, Nuno Faleiro, que é também responsável pela *Rádio Aurora*, diz que “este projecto tem a virtude de enquadrar as alucinações auditivas num contínuo humano que vai desde o que pode ser suportável e por pessoas que são enriquecidas pela experiência até ao espectro oposto, associado ao sofrimento”. Ou seja, ouvir vozes não deve ser visto automaticamente “como um sintoma que merece atenção clínica”.

Celina Vilas-Boas, psicóloga e membro do MOV, destaca a diversidade das experiências e refere “que não há que entendê-las como sendo necessariamente patológicas” ou negativas. Depois, aponta, há um ciclo que se alimenta: “Ouvir vozes é associado à loucura, o que faz com que as pessoas, quando têm esta experiência, tenham medo. Têm medo de falarem sobre isso, o que leva ao isolamento.”

No entanto, Nuno Faleiro sublinha também que uma abordagem que

| Publicação | Data | Assunto |
|------------|------------|-----------------|
| Público | 25-11-2021 | Vozes Sem Conta |

que ouvem vozes, a partir da qual os quatro autores do texto foram escrevendo um guião, explica Mário Montenegro, também director artístico da Marionet. “As pessoas contaram-nos a história da sua vida. Há casos em que as vozes surgem em determinada altura e depois desaparecem, há casos em que são mais simpáticas e depois se vão transformando... É um fenómeno diverso”, explica.

Neste processo, que passou também por leituras e pela presença num congresso, a equipa contou com a participação de pessoas que passaram por esta experiência. É o caso de R., que colaborou no projec-

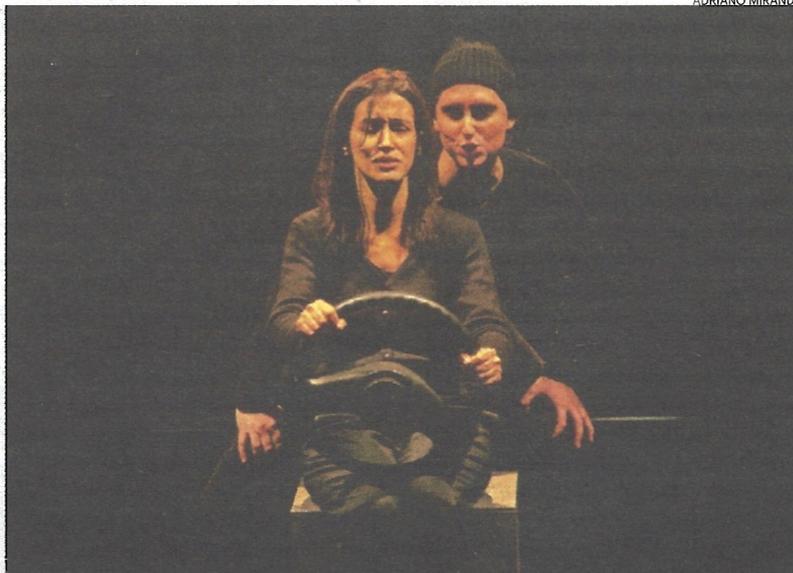
aparece nos filmes, associada apenas

“É muito difícil [aos actores] colocarem-se no papel de uma pessoa que está a fazer a sua vida normal e, de repente, ouve vozes”, diz R. (nome fictício)

No entanto, Nuno Faleiro sublinha também que uma abordagem que põe o foco na “capacidade que as pessoas têm” de lidar com a experiência, “organizarem-se a si próprias e ajudar quem precisa de ajuda” não deve significar um desinvestimento em quem passa por ela.

A história deste *Vozes Sem Conta* começa a ser contada com as pontes estabelecidas pela antropóloga e investigadora do Centro de Estudos Sociais Rita Alcaire, cujo trabalho cruza saúde mental, sexualidade e direitos humanos, como a própria descreve. Conhecia elementos do Movimento Ouvir Vozes e da companhia de teatro e achou que fazia sentido, tendo a Direcção-Geral das Artes aberto uma linha de apoio na área da saúde mental, explorar a experiência de ouvir vozes num projecto que “não falasse apenas sobre, mas que envolvesse pessoas [com esta condição] na construção do guião de uma peça de teatro”.

Mas o projecto vai além da peça. No Teatro da Cerca de São Bernardo está também uma instalação sonora da autoria de Sílvio Santos, que procura aproximar-se “da experiência de quem ouve vozes”, explica Mário Montenegro. Aos *podcasts* produzidos pela *Rádio Aurora* juntaram-se também vários textos escritos por elementos que trabalharam no *Vozes Sem Conta* – de actores a psicólogos – que foram publicados no P3, um *site* do PÚBLICO.



Vozes sem Conta enquadra-se num projecto com várias vertentes